

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MONOGRAFIA – CNM5420**

FRANCIELI ARSEGO

**CATOLICISMO E PROTESTANTISMO:
A INFLUÊNCIA DE AMBOS NA VIDA ECONÔMICA DA IDADE MÉDIA AOS DIAS
ATUAIS**

**FLORIANÓPOLIS/SC
2008**

FRANCIELI ARSEGO

CATOLICISMO E PROTESTANTISMO:
A INFLUÊNCIA DE AMBOS NA VIDA ECONÔMICA DA IDADE MÉDIA AOS DIAS
ATUAIS

Monografia apresentada para conclusão do Curso
de Graduação em Ciências Econômicas pela
Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientador: Prof. Idaleto Malvezzi Aued.

FLORIANÓPOLIS/SC

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A banca examinadora resolveu atribuir a nota..... a aluna Francieli Arsego (Matricula 0110719-4) na disciplina CNM5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca examinadora:

Prof.

Presidente

Prof.

Membro

Prof.

Membro

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar as relações entre as religiões Católica e Protestante na formação do pensamento econômico. Objetiva entender o surgimento e a influência que seu pensamento tem sobre o povo e suas atitudes. Observa-se que cada uma tem uma influência diferente na economia mundial, e procura-se aqui mostrar essas diferenças, mostrar como elas afetam a formação social e econômica de seus países seguidores. Procura-se também mostrar como surgiram os sistemas econômico e capitalista, presentes hoje no mundo todo, e como as duas diferentes organizações religiosas estão ligadas a esse sistema. É claro e sabido por todos, que as duas organizações influenciam de forma diferente o modo de vida de seus seguidores, que são também os trabalhadores da sociedade. Deste modo, de uma forma bastante sucinta, evidencia-se o comportamento dos trabalhadores adeptos do catolicismo e ao protestantismo. Para finalizar, ressalta-se o fato de que mudanças ocorreram nas duas organizações religiosas, e é feita também uma breve comparação entre duas nações com população predominantemente protestante e católica.

Palavras-chave: Catolicismo. Protestantismo. Capitalismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	5
1.2 OBJETIVOS	5
1.2.1 Objetivo geral	5
1.2.2 Objetivos específicos	5
1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA	6
1.4 MARCO TEÓRICO PRELIMINAR	7
2 O SURGIMENTO DO CATOLICISMO E DO PROTESTANTISMO.....	10
2.1 O CATOLICISMO.....	10
2.2 PROTESTANTISMO: A REFORMA PROTESTANTE.....	12
2.3 CONTRA REFORMA	18
2.3.1 Principais decisões tomadas durante a Contra-Reforma	18
2.4 A GUERRA DOS TRINTA ANOS	19
3 O SURGIMENTO DO CAPITALISMO.....	21
3.1 O PIONEIRISMO INGLÊS	21
3.2 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.....	22
3.3 A EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO	24
4 O TRABALHO COMO VOCAÇÃO.....	31
5 O TRABALHO PARA OS CATÓLICOS.....	33
6 O TRABALHO SEGUNDO O CAPITALISMO	36
7 MUDANÇAS NAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS.....	44
8 COMPARAÇÃO ENTRE PAÍSES COM PREDOMINÂNCIA CATÓLICA E PROTESTANTE.....	46
9 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Desde o seu surgimento, o sistema capitalista esteve envolvido com a igreja cristã, e esta sempre esteve às voltas com os problemas da sociedade. Há muito tempo o objetivo principal da igreja deixou de ser oferecer somente acalento espiritual, envolvendo-se fortemente em questões econômicas e políticas.

Incontáveis e evidentes são as mudanças sofridas pelas crenças religiosas no decorrer da história e do desenvolvimento da humanidade. Da mesma forma, visível é sua influência na vida econômica e social. O presente trabalho procura explicitar essa influência e essas mudanças, bem como realiza uma comparação entre a crença católica e protestante, apresentando um histórico de seu surgimento. A ênfase é dada ao aspecto econômico e a extensão que a vida religiosa alcança sobre o mesmo.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Realizar uma análise comparativa entre a organização social conhecida como Igreja Católica e a Protestante, esclarecendo o surgimento do protestantismo através da Reforma Protestante, e a as mudanças sofridas por estas religiões, desde então.

1.2.2 Objetivos específicos

Identificar a influência da igreja católica na vida econômica, sua evolução até a eclosão da reforma protestante e as mudanças ocorridas na sociedade perante o surgimento do protestantismo.

Analisar as principais e mais marcantes diferenças entre tais crenças e a vida levada pela parcela da população seguidora.

Constatar que a partir da Revolução Industrial (entre os séculos XIX e XX), o maior desenvolvimento pertencia aos países de orientação protestante.

Fazer uma comparação da relação que existe entre o sistema econômico e as organizações religiosas na atualidade, fazendo uso de informações sobre países em que predominam estas religiões. A intenção neste ponto é observar se há diferenças nas relações existentes entre o governo e o povo, e também diferenças em termos de desenvolvimento em cada país.

1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de um trabalho de cunho histórico, sendo assim, faz-se necessário uma análise com embasamento nos aspectos teóricos, conceituais e trabalhos científicos de autores renomados como Max Weber e seu clássico, que recentemente completou cem anos, **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**.

Para se alcançar os objetivos anteriormente traçados, é primordial que se saiba com clareza como foi o surgimento de cada uma dessas religiões, qual foi o momento histórico em que se deu tal surgimento e como estava organizada a sociedade, principalmente no que diz respeito à economia.

A partir de uma abordagem qualitativa, com intensa pesquisa bibliográfica e documental, torna-se possível fazer a distinção entre o protestantismo e catolicismo, suas diferentes características, suas crenças e suas leis. Entendendo como cada uma delas se organiza, ficará claro o porquê da Reforma Protestante, razão pela qual os seguidores do protestantismo tornaram-se a maioria dentre os proprietários de terras e como isso afetou o desenvolvimento das nações.

Diferentemente do catolicismo, para o protestantismo, a única maneira aceitável de viver para Deus, é através do trabalho. O cumprimento das tarefas impostas ao indivíduo, segundo sua posição social, é o meio de aproximação do homem para com Deus. O trabalho ocupa não só lugar de destaque, como é a finalidade da vida.

Pois o eterno descanso da santidade 'encontra-se no outro mundo, na terra, o homem deve estar seguro do seu estado de graça', trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado. Não é, pois o ócio e o prazer, mas apenas a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com a inequívoca manifestação da sua vontade (WEBER, 2004, p. 143).

1.4 MARCO TEÓRICO PRELIMINAR

As religiões que despertam interesse na realização deste trabalho são os credos católicos e protestantes. O enfoque é dado na relação destas com o sistema econômico conhecido como capitalismo, seu surgimento e os caminhos seguidos por tais religiões a partir de então.

O autor base para este estudo é Max Weber e seu clássico, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1904, e instaurou uma nova maneira de compreender o capitalismo, que deixa de ser visto somente em termos estritamente econômicos e materiais, pura e simplesmente, mas também como um modo de produção e reprodução da vida, passando a ser entendido como uma cultura de vida com fundamentos enraizados nas tradições religiosas dos povos de origem protestante. A compreensão das principais concepções da sociologia da religião de Weber é de excepcional importância para a compreensão dos fenômenos religiosos, seja em sua dinâmica própria, seja em suas articulações com outras dimensões da vida social.

Nesta obra, Max Weber assimila como “ethos” capitalista à ética protestante, que se caracteriza por exaltar o trabalho, como sendo o principal meio de aproximação dos homens para com Deus, defende também que a religião influencia diretamente a forma de ser das pessoas e, com isso, influencia o capitalismo.

O capitalismo em que Weber fundamenta sua análise é o capitalismo moderno, que privilegia a preocupação com o investimento para o crescimento. Baseia-se nas expectativas de lucro através das relações de troca.

Segundo Weber, a Reforma Protestante não ocorreu com o objetivo de influenciar o capitalismo, ou o seu surgimento, mas sim, que o protestantismo influenciou positivamente o desenvolvimento do capitalismo. Menciona uma série de aspectos defendidos pelo protestantismo, e não pelo catolicismo, que teve grande influência no “espírito capitalista”, dentre eles, podemos citar: o desejo infinito de melhorar financeiramente, o cuidado com os bens materiais, a poupança, a vocação como estímulo para especialização da mão de obra, e vários outros, citados constantemente em sua obra.

Para os trabalhadores de origem protestante, o trabalho é indispensável para a vida, não é o trabalho que propicia vida ao ser humano, mas sim, é este que vive para trabalhar. O catolicismo por sua vez, condena os lucros, juros, a cobiça, e seus seguidores não se sentem obrigados a trabalhar além do extremamente necessário para sua sobrevivência. O católico da Idade Média vivia apenas o seu dia atual, trabalhava apenas para comer. Trabalhadores e artesãos católicos não apresentavam interesse em ocupar cargos melhores em suas profissões, muitos menos em se aperfeiçoar ou qualificar suas técnicas. Sobrevivam com o pouco que ganhavam e quando este pouco lhes faltava, ficavam a esperar a caridade alheia.

De forma geral, o que existe, é uma grande inclinação dos protestantes para o racionalismo econômico, fato este que não é encontrado entre os católicos. Tal idéia é muito bem ilustrada quando Weber diz:

O católico é mais sossegado; dotado de menos impulso aquisitivo, prefere um traçado de vida o mais possível seguro, mesmo que com rendimentos menores, a uma vida arriscada e agitada que eventualmente lhe trouxesse honras e riquezas. Diz por gracejo a voz do povo: 'bem come ou bem dormir, há que escolher'. No presente caso, o protestante prefere comer bem, enquanto o católico quer dormir sossegado (Weber 2004, p. 34).

Com tais palavras de Weber, fica claro a diferença entre católicos e protestantes, enquanto estes se preocupam com o futuro e o bem estar de seus descendentes, os católicos têm como preocupação principal, o dia de hoje e o descanso. No decorrer da obra de Weber, essa diferença entre católicos e protestantes, ficará clara e evidente.

2 O SURGIMENTO DO CATOLICISMO E DO PROTESTANTISMO

2.1 O CATOLICISMO

A palavra Catolicismo tem origem no grego *Katholikos*, com o significado de “geral” ou “universal”. O Catolicismo é a vertente do cristianismo mais disseminada no mundo todo e também o mais antigo, conhecido como igreja organizada. A Igreja Católica é a que possui maior número de adeptos no Brasil.

No início, o cristianismo era uma seita de judeus para judeus, e não tinha uma hierarquia rígida. Existiam bispos independentes, com opiniões diferentes sobre a fé. Porém essa fase tão democrática teve fim no ano 312 quando o então imperador romano Constantino, que era judeu, mas havia aderido ao cristianismo, convocou o primeiro Concílio das Igrejas, que teve a participação de 318 bispos cristãos, (cristãos e não católicos, pois o catolicismo ainda não havia sido fundado). Constantino construiu uma igreja em um bairro romano chamado *Vaticanus*, e os bispos construíram palácios ao redor dessa igreja, originando o Vaticano. Devido a problemas com o senado romano, Constantino mudou a sede do Império de Roma para uma cidade que depois passou a se chamar Constantinopla. Como resultado a isso, o Império Romano passou a ter duas sedes, Roma e Constantinopla, que mais tarde se tornaram o centro da Igreja Católica dividida em Igreja Católica Romana e Igreja Católica Grega.

No século IV depois de Cristo, Santo Agostinho usou a palavra “católico” para diferenciar a doutrina considerada verdadeira de outras que até então eram desacreditadas, foi uma criação em razão dos desvios doutrinários das igrejas primitivas. Só bem mais tarde, no século XVI, entre 1545 e 1563, com o Concílio Ecumênico da Igreja Católica, mais conhecido como Concílio de Trento, realizado na cidade de Trento na Itália e convocado pelo papa João III, que a expressão “Igreja Católica”, passou a designar exclusivamente a que tem como centro o Vaticano. Passou assim a ser aceito como autoridade o Papa, que seria o Bispo de Roma, autoridade material da fé e da moral.

O objetivo do Concílio de Trento era fazer frente às Reformas Protestantes, reafirmando as doutrinas conhecidas como tradicionais. Foi este Concílio o responsável por selar o conjunto de medidas tomadas na Contra Reforma, medidas estas, tomadas pela igreja católica como resposta ao surgimento de religiões protestantes. Longe de promover mudanças estruturais nas doutrinas práticas do catolicismo, a contra reforma, estabeleceu um novo conjunto de medidas que atuou em duas vias: contra denominações religiosas e promovendo meios de expansão da fé católica. Depois de tal Concílio, a cristandade ficou definitivamente dividida em Igreja Católica Romana e Igreja Protestante.

O Concílio de Trento não foi totalmente capaz de cumprir as tarefas que lhe foram designadas pelo Imperador, no que diz respeito a restabelecer a unidade na fé. Porém, conseguiu delinear claramente a concepção de fé católica frente à Reforma. O Concilio reforçou o poder do Papa criou o Index (relação de livros cuja leitura era proibida aos cristãos), reforçou a Inquisição, reafirmou que somente a igreja poderia ser interprete das Escrituras Divinas, entre outras medidas. Durante o Concílio as opiniões sobre a salvação do homem se dividiam, alguns defendiam o livre arbítrio, ou seja, todas as ações feitas pelo homem o conduziram à salvação, e outros defendiam que a salvação era obra única e exclusivamente de Deus, e que seria concedida ou não segundo a sua vontade. Ao final do Concílio, estabeleceu-se o livre arbítrio.

O Papa, tido pela Igreja Católica como maior autoridade, é uma instituição italiana que surgiu das ruínas do império Romano e manteve-se sobrevivente graças a astutas alianças políticas, fazendo uso do exército dos reis e subservientes, e também derramando sangue na inquisição. Muitos dos líderes da Igreja Católica vendiam documentos de indulgências da igreja como, por exemplo, um, que dava a quem comprasse o direito antecipado de pecar. O Papa Leão X, ano 1518, continuou com o blefe, necessitando restaurar a igreja de São Pedro que se deteriorava, utilizou cofres com dizeres tais como: “ao som de cada moeda que cai neste cofre, uma alma despreza do purgatório e voa para o paraíso “(Tayne, pg. 35).

A Igreja Católica apresenta um aspecto um tanto feudal, uma vez que a maior parte de suas instituições teve sua fase de desenvolvimento numa sociedade feudal.

Para os católicos, a Igreja é santa e única, e segundo ela mesma, o Estado não tem competência nos assuntos religiosos, sendo assim, a Igreja não pode recorrer ao Estado, mesmo quando este é o único representante de uma sociedade somente católica, e que faça uso dos poderes políticos em benefício da Igreja.

2.2 PROTESTANTISMO: A REFORMA PROTESTANTE

Durante a Idade Média a Igreja Católica se tornou imensuravelmente poderosa, passou a interferir em questões políticas e econômicas e arrecadou consideráveis somas em dinheiro e terras, apoiada pelo sistema feudalista. Na verdade, a Igreja Católica era um dos maiores sustentáculos do mundo feudal, dentre todas as instituições medievais, tanto políticas quanto econômicas, seguramente ela era a que representava o maior poder na Europa, era uma grande “senhora feudal”. O poder político da igreja na Idade Média poderia ser comparado com a autoridade Real. Suas riquezas incomodavam os proprietários rurais capitalistas e os elementos da nova nobreza, que tinham interesses nas terras do clero.

Desta forma ela se distanciava de seus ensinamentos e caía em contradição, chegando mesmo a vender indulgências ¹, (o que seria motivo direto da contestação de Martinho Lutero, que deu a largada a Reforma Protestante propriamente dita).

O desenvolvimento do comércio e a conseqüente ampliação do poder político e econômico da burguesia tornavam anacrônico o discurso da Igreja Católica Romana, que pregava “ser mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus”, por um lado, e por outro, vendia indulgências¹ e ficava com parte do lucro auferido “pecaminosamente”.

A igreja católica tinha uma pregação, que, por exemplo, condenava veementemente a cobiça, e na prática contradizia ao seu discurso. Porém, ao burguês que enriquecera comprando barato ou até mesmo roubando e vendendo

¹ Venda de indulgências: perdão de qualquer pecado mediante pagamento à igreja de determinada quantia

com uma larga margem de lucros, além de cobrar juros altíssimos, não era nada interessante ser obrigado a dividir sua riqueza com o clero (que se contradizia entre palavras e atitudes).

Também não era nada agradável aos burgueses, ouvir sermões intermináveis que o ameaçavam com as penas do inferno caso não abandonasse a prática da usura². Aos burgueses ricos, era mais agradável ouvir de um sacerdote que toda a sua riqueza era um sinal divino da sua predestinação para a salvação eterna, era um sinal de ser um “escolhido” por Deus. Graças a isso, é perfeitamente compreensível que os países mais prósperos e desenvolvidos do mundo capitalista sigam a religião protestante.

Outros fatores contribuíram para que fosse deflagrada a Reforma Protestante, como o fato da igreja contestar abertamente em relação a acumulação capitalista, muito embora ela mesma acumulasse quantias exorbitantes. Logo a burguesia ascendente passou a necessitar de uma religião que a redimisse do pecado da acumulação. A reforma luterana favoreceu a nobreza feudal e a grande burguesia.

Somado a isso, havia o fato de que o sistema feudal estava dando lugar a monarquias nacionais que começavam a despertar no povo sentimentos de pertencimento e colocar a Nação e o Rei acima dos poderes da Igreja e dos poderosos religiosos. Todos os fatos citados serviram para instigar no Renascimento, a necessidade da criação e consolidação do protestantismo.

A Reforma foi um conjunto de protestos de caráter religioso, político e econômico que contestavam as pregações da Igreja Católica, entre 1517 e 1564. Teve como berço a Alemanha e acabou por dividir parte da comunidade católica da Europa, dando origem ao Protestantismo. A Reforma Protestante foi fortemente apoiada pelos príncipes alemães, que desejavam romper, com o Imperador Carlos V, e a Igreja Católica.

² Usura: cobrança indevida de juros.

No ano de 1517, o monge alemão Martin Lutero, passou a defender a fé como elemento principal para a salvação do indivíduo, e acabou por romper com a Igreja Católica em 1519. Quando negou a autoridade do Papa. Lutero também protestava contra a venda de indulgências, contra os perdões concedidos pelo Papa, e o relaxamento dos costumes pelo clero. O protestante Martin Lutero recebeu o apoio de muitos nobres e camponeses, conseguindo assim a dissolução das ordens monásticas, a revogação do celibato clerical, a secularização dos bens da igreja pela nobreza, e a substituição da autoridade eclesiástica pela autoridade estatal. Lutero encontrou terreno fértil à sua pregação nas regiões em que era interessante aos nobres se apoderarem das terras da Igreja Católica.

A religião protestante não considera as proibições contidas na Bíblia, em especial a usura, tão veementemente condenadas pelo catolicismo. O protestantismo segue a teoria da predestinação, segundo a qual, Deus concede a salvação a um restrito número de eleitos, e o homem deve buscar o lucro através do trabalho e da vida sempre regrada. Aqui surge a identificação do pensamento protestante com o capitalismo.

As profundas modificações que começaram a surgir na igreja católica foram provocadas diante do surgimento e expansão do protestantismo. Uma das principais conseqüências da semente plantada por Lutero no seio da cristandade foi à difusão de suas idéias como um rastro de pólvora por toda a Europa Central, onde ficava concentrada a maior parte dos burgueses enriquecidos e dos príncipes que tinha interesses em subtrair os bens da igreja. O pensamento luterano tinha um meio bem próprio de alcançar a salvação da alma: para o perdão dos pecados existia a necessidade de se sentir reconciliado e em comunhão com Deus já nessa vida, para que não passasse para o outro mundo em débito, e assim, fosse compensado com a salvação.

Outro dos principais líderes da Reforma foi João Calvino, Francês que viveu entre 1509 e 1564. Acreditava que também o povo, e não apenas os reis e bispos deveriam participar das decisões políticas e religiosas. Essas idéias influenciaram seus seguidores na França, Inglaterra, Escócia e Países Baixos. O Calvinismo, desde meados do século XVII era a corrente protestante mais numerosa da

Inglaterra. Dividia-se em facções, sendo as mais importantes, os chamados *Huguenotes*, que eram os adeptos franceses do protestantismo, e os puritanos, representados principalmente pela média burguesia, contrária ao Estado absolutista e as religiões oficiais anglicanas, que limitavam o direito de propriedade, fazendo com que os puritanos assumissem uma postura de oposição mais radical. O puritanismo é a seita mais rigorosa na aplicação de princípios morais, e que pretendia interpretar melhor do que ninguém, o sentido literal das escrituras.

Outra facção calvinista era a dos “presbiterianos”, marcados por um comportamento mais moderado, que aceitava o Estado absolutista, uma vez que sua composição social majoritária era formada pela alta burguesia e por latifundiários favorecidos pelo Estado. Os “anabatistas” constituíam o grupo calvinista mais radical. Eram socialmente formados por artesãos e camponeses pobres que combatiam o Estado, reivindicando a devolução de terras e o sufrágio universal. Além de perseguidos pelo Estado anglicano, eram discriminados pelos puritanos que consideravam a pobreza como expressão da falta de graça divina.

Calvino dinamizou o movimento protestante através de novos princípios, como o da predestinação absoluta, que enfatiza a quanto uma pessoa estaria sendo abençoada pela mão divina quanto mais enriquecesse, e o quanto estava predestinado ao esquecimento divino uma vez que fosse pobre.

Deus criou vasos para a salvação e vasos para a danação eterna. Se a Mão de Deus estiver sobre a tua cabeça tu serás beneficiado aqui na terra com muita saúde e prosperidades. Por esse indício compreenderás que estás predestinado a salvação. (João Calvino)

Para João Calvino, não era Deus que existia para servir aos homens, mas sim os homens que existiam para servir a Deus. Os seguidores dessa idéia acabavam por voltar cada minuto de suas vidas ao trabalho, para que conseguissem assim, provar através de suas posses, o quanto eram bem vistos por Deus, e o quanto sua salvação eterna estava garantida. Era também o trabalho profissional sem descanso que concedia ao homem a autoconfiança de ser um escolhido de Deus, somente o

trabalho serviria para acabar com a dúvida religiosa e concedia a certeza do estado de graça.

Sua pregação oferecia uma doutrina adequada à burguesia capitalista, o que fez com que o Calvinismo ficasse conhecido como a Religião do Capitalismo. Tal definição se deu ao fato de que defendia o empréstimo de dinheiro a juros, considerava a pobreza como sinal do desfavor divino e valorizava o trabalho, o que ia ao encontro dos anseios da burguesia, que tinha no trabalho, o elemento necessário para acumular o capital. O significado da Reforma não foi tanto o de dominação da igreja, mas a troca de uma forma até em tão em vigor, por outra. Foi à substituição de uma extremamente cômoda, que mais existia no papel do que na prática, por outra, que influenciava a vida das pessoas como um todo. A dominação calvinista controlava o indivíduo como um todo, a ponto de ser quase insuportável, mas que, no entanto, as classes burguesas dos países economicamente desenvolvidos, agüentaram e passaram a defender.

O Calvinismo, mais tarde se tornou popular em países como Escócia, Holanda e EUA, o que acabou por gerar a fama de tais povos como sendo sovins, nada generosos, e interessados apenas no dinheiro. Segundo Max Weber, o calvinismo foi à fé em torno do qual giraram os países desenvolvidos (Holanda, Inglaterra, França e Alemanha) e as grandes lutas políticas e culturais do século XV e XVI. O calvinismo é a primeira ética crista que deu ao trabalho um caráter religioso.

Apesar de todos os indícios indicarem para tal, não devemos concluir que os fundadores, ou representantes de religiões como o luteranismo ou o calvinismo, tinham como principal objetivo dentro de seus trabalhos, despertar na população e nos seus seguidores, o que hoje conhecemos como “espírito do capitalismo”. O uso dos ideais calvinistas para alavancar as idéias da sociedade capitalista está equivocadamente relacionado a ideais capitalistas intrínsecos ao calvinismo. Calvino em suas pregações afirmava que a riqueza não tem razão de ser se não para ajudar aos que necessitam, e sempre reforçou veementemente críticas as avarezas, ao dizer que o fruto do trabalho só é digno se útil ao próximo. Não podemos considerar que para esses homens, a busca por bens materiais fosse considerada como um valor ético, o que nos leva a acreditar que as conseqüências da Reforma, não eram

objetivo dos reformadores, que tinham antes de qualquer coisa, motivos puramente religiosos. Assim também como não podemos concluir que o capitalismo enquanto sistema econômico é fruto da Reforma, e que não teria surgido, caso a Reforma não tivesse acontecido, pois só o fato de que muitos métodos de negociações capitalistas já existirem muito antes da Reforma, ou mesmo, muito antes do nascimento dos idealistas da reforma, já é prova suficiente disso. (Weber, 2004)

A maioria dos efeitos que teve a Reforma, não foram previstos, nem sequer desejados ou imaginados pelos Reformadores, pois a grande maioria delas, foi muito diferente de tudo o que eles eram capazes de imaginar conseguir. A maior vitória alcançada pela Reforma foi o simples fato de que logo de início lançou a idéia e assim as discussões e contestações que contrastavam com o pensamento católico, passando a valorizar a bonificação religiosa pelo trabalho, tornando-o importante do ponto de vista religioso, importante para Deus. Grande parte das diferenças e evoluções econômicas que temos hoje é graças a movimentos religiosos, embora não sejam obras só deles, é claro, mas em muito contribuíram para termos a sociedade com a organização que conhecemos hoje.

Para Daniel Fusfeld, economista contemporâneo, o pensamento católico é adverso ao pensamento capitalista, e é essa diferença que impede o pleno desenvolvimento do capitalismo em regiões onde impera a religião católica. Ressaltamos essa afirmação com a seguinte citação:

Esse dilema moral - o conflito entre a salvação e o sucesso - foi um fator importante para preparar o terreno para a Reforma Protestante. Era difícil a um mercador urbano acreditar que o modo de vida baseado nos negócios fosse menos correto do que os outros. Era complicado entender que a concorrência necessária para se sobreviver fosse antagônica à moral, que a procura pessoal pelo lucro fundamental para o ganha-pão dos negociantes, não fosse aprovado por Deus. Dúvidas foram então, levantadas. Estariam certos os teólogos em sua pregação sobre o modo de conduta que levava a salvação? Afinal de contas, eles eram apenas seres humanos, como quaisquer outros, e sujeitos aos erros humanos. O que a bíblia dizia sobre esse assunto? Essas questões levaram a heresia protestante - pôs-se em dúvida a infabilidade da Igreja e manifestou-se o desejo de consultar diretamente a Bíblia, repositório das leis de Deus, sem a intermediação dos padres (Fusfeld, 2001, pg. 15).

Através das palavras de Fustfeld, podemos entender alguns dos motivos que deram origem a Reforma Protestante, como por exemplo, o fato de que as Escrituras Sagradas não podiam ser lidas e interpretadas por todos, e era incompreensível aos protestantes, o desagrado de Deus perante a busca pelo lucro. Fica claro, aqui também a adversidade do pensamento católico e dos protestantes que começavam a surgir.

2.3 CONTRA REFORMA

A reação da Igreja Católica à Reforma Protestante e às pressões internas pela renovação das práticas e da atuação política do clero durante os séculos XVI e XVII, foi à chamada Contra Reforma. Em 1545, o papa Paulo III (1468-1549) convoca o Concílio de Trento e torna-se o primeiro Papa da Contra-Reforma. O Concílio de Trento teve como objetivo principal, impedir o avanço do protestantismo.

2.3.1 Principais decisões tomadas durante a Contra-Reforma

- a) **Retorno da Inquisição:** seu objetivo era vigiar, perseguir, prender e punir aqueles que não estavam seguindo a doutrina católica. Milhares de protestantes, judeus e integrantes de outras religiões foram perseguidos e punidos pelo Tribunal do Santo Ofício.
- b) **Criação do Índice de Livros Proibidos** (*Index Librorium Proibitorium*): relação de livros contrários aos dogmas e idéias defendidas pela Igreja Católica. Os livros apreendidos eram queimados. Quem fosse pego com materiais deste tipo receberia punições severas. Inúmeros escritores foram condenados por escrever idéias divergentes das da igreja. Era uma forma de barrar o avanço de outras doutrinas e manter o controle cultural nas mãos da Igreja Católica.
- c) **Criação da Companhia de Jesus:** integrada pelos jesuítas, que eram encaminhados aos continentes africano, americano e asiático, com objetivo principal de transformar os nativos em novos católicos, através da catequização (ensino da língua portuguesa, doutrina católica e hábitos

européus). Os índios brasileiros foram catequizados por jesuítas como, por exemplo, Padre Manoel da Nobrega e José de Anchieta. A América foi à maior área para expansão do catolicismo.

A Reforma e a Contra Reforma fazem parte dos acontecimentos que marcam a passagem do feudalismo para o capitalismo.

2.4 A GUERRA DOS TRINTA ANOS

O conflito entre católicos e protestantes, acaba por gerar em 23 de maio de 1618, a primeira grande guerra européia, a Guerra dos Trinta Anos. Tal combate tem início com contradições católicas, quando o Imperador Romano Ferdinando II (chamado imperador da Contra Reforma e assumido rival dos protestantes), rei da Boêmia (hoje República Tcheca), tentou impor o absolutismo católico romano em seus domínios, gerando a revolta entre os nobres protestantes da Boêmia e Áustria. Porém acaba por se tornar uma variante político-militar de uma crise instalada sobre o chamado Velho Continente em torno das contradições entre Estados territoriais e príncipes. O capitalismo que começava a surgir, incentivando as navegações em busca de riquezas, dá de encontro com uma nobreza que só visa o lucro fácil através da exploração da riqueza dos outros.

Os católicos ocupavam uma posição contra as atitudes dos homens que buscavam constantemente o lucro, condenava pessoas que se preocupassem mais com o dinheiro do que com sua família e com a religião. A usura era vista como um grande pecado, porém o simples ato da confissão poderia levar o cidadão ao céu. A igreja objetivava convencer a todos, que a riqueza e hábitos como a usura os afastava de Deus. Não só membros da igreja, mas também os reis passaram a condenar a usura. Era um grave pecado enriquecer mediante a necessidade do próximo. Tem-se aqui a semente do capitalismo já atuando na acentuação das desigualdades e contribuindo para simbolizar a distancia entre aqueles que têm muito e os que têm muito pouco.

A Guerra dos Trinta Anos envolve Áustria, Hungria, Espanha, Holanda, Dinamarca, França e Suécia entre outros. Termina em 24 de outubro de 1648 (depois de três anos de negociação entre católicos e protestantes) com a Paz de *Westfália*, na qual são reconhecidas as liberdades dos calvinistas e demais protestantes, onde católicos e protestantes ganharam a liberdade ao culto. As devastações no território alemão (único país a sair derrotado), a redução da população, a disseminação da barbárie e a repressão sangrenta e covarde às mulheres acusadas de bruxaria, facilitam a restauração do império pelos príncipes. Portugal, Áustria e Holanda conquistam a independência. França, Suécia, Baviera e Prússia ampliam suas áreas territoriais à custa da Alemanha.

3 O SURGIMENTO DO CAPITALISMO

3.1 O PIONEIRISMO INGLÊS

Quando se fala no surgimento do capitalismo, uma das questões que surge, é como um país como a Inglaterra, de população relativamente pequena, atrasado e periférico, um país que só no século XIII recuperou o conhecimento da técnica da fabricação de tijolos e muito mais tarde ainda, da fabricação do vidro. Como um país com séculos de atraso se tornou berço da industrialização, do capitalismo e da tecnologia moderna, do liberalismo político, e da democracia com instituições que foram mais tarde copiadas pelo mundo.

Tais façanhas alcançadas pela Inglaterra se devem em parte a sua localização geográfica. O fato de ser uma ilha, porém com localização próxima ao continente, protegeu os ingleses de grande parte dos distúrbios que ocorreram na Europa. Depois do século XI a Grã Bretanha não mais foi invadida e ocupada. As terras distribuídas e ocupadas pelos nobres eram localizadas em sítios afastados uns dos outros, habituou seus senhores a freqüentes deslocamentos dentro do reino, e acabou por desenvolver um sentido de unidade nacional prematuro, e assim a Inglaterra se tornou uns dos primeiros “Estado Nação”.

A ilha possuía um subsolo farto em carvão e ferro, com jazidas muito próximas umas das outras, e também muito próximas ao mar. A Inglaterra tinha facilidade no transporte marítimo e fluvial, tanto que ainda no século XVIII construíram milhares de quilômetros de canais. A Alemanha protestante e que também possuía jazidas, só passou a explorá-las bem mais tarde, depois da construção dos caminhos de ferro. Embora os alemães tenham sido um dos primeiros na revolução religiosa, foram bastante atrasados nos processos de modernização e industrialização.

Com a ausência de ameaças estrangeiras, não era preciso desperdiçar finanças com investimentos militares, tais investimentos então, foram voltados à construção naval, que foi tão bem sucedida, que acabou por se tornar à marinha

mercante maior e mais poderosa do mundo e responsável durante anos por grande parte do comércio marítimo mundial e pelo policiamento dos oceanos.

A unidade nacional prematuramente alcançada evitou também os impostos aduaneiros, que vigoravam na França, Itália e Alemanha, que eram divididas em vários estados, cada um com suas próprias taxas aduaneiras. Graças à segurança interna e a autonomia das cidades, a burguesia era capaz de exercer as atividades desejadas, sem que a nobreza ou o monarca interferisse.

Assim, a origem inglesa do capitalismo moderno e da industrialização reside numa extraordinária reunião de elementos diferentes, porém, que individualmente, não serviriam de explicação suficiente. Os fatores acima citados favoreceram o espírito de iniciativa dos ingleses, que os levou a um sem número de vitórias tecnológicas e científicas. Atualmente, muita coisa mudou, porém a herança inglesa das leis, práticas políticas e economia de mercado, expandiu-se pelo mundo e continuam a serem copiados.

3.2 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Foi mediante tais acontecimentos que aconteceu a Primeira Revolução Industrial. A palavra “revolução” é aqui usada no sentido de transformação profunda, intensa mudança, uma enorme ruptura com o que havia anteriormente. Ao tratarmos então de “revolução Industrial”, falamos de uma modificação drástica no modo de fabricação dos produtos consumidos. A partir do século XVIII, uma série de novas tecnologias mudou a vida do homem, beneficiando principalmente os setores industriais, acelerando assim o desenvolvimento do sistema capitalista.

A Primeira Revolução Industrial teve início na Inglaterra no final do século XVIII, e expandiu-se mais tarde para os Estados Unidos, França, Itália, Holanda, Japão e Bélgica. Os principais recursos utilizados foram o ferro, carvão, tear mecânico e a máquina a vapor.

No decorrer do período conhecido como Renascimento (séculos XV e XVI), a Europa vivenciou desenvolvimentos no campo científico que foram fundamentais para acabar com antigas crenças difundidas pela Igreja Católica que impediam o início do impulso para o desenvolvimento tecnológico. Foi o ambiente Europeu em tal momento que preparou a chegada de diversas novas tecnologias então chamadas de Revolução Industrial.

Antes da revolução, as oficinas artesanais eram as responsáveis por grande parte das mercadorias consumidas na Europa. Tais oficinas eram chamadas “manufaturas”, e era o artesão que controlava toda a produção, desde definir a quantidade a ser produzida, até definir o tempo de trabalho (jornada de trabalho). Não havia aqui uma divisão do trabalho, ou seja, o mesmo artesão era responsável por todas as etapas da produção, não havendo especialização em determinadas tarefas. Com a revolução industrial os artesãos perderam tal autonomia. A chegada de novas tecnologias levou a implantação de novas máquinas que se tornam propriedade do capitalista, também conhecido na época como “burguês”. A produção artesanal faliu e o artesão se viu obrigado a se tornar trabalhador assalariado, sendo então controlado pelo capitalista.

Como causas gerais da Revolução Industrial podemos encontrar fatores como a Revolução Comercial, que teve início com as Grandes Navegações no século XV, e se estendeu até o início da industrialização no século XVIII. Foi durante esse período que a Europa se tornou um continente rico, e isso tudo graças a acontecimentos como a descoberta pelos portugueses da América, que lhes possibilitou a posse de metais preciosos, produtos tropicais e escravos. Tais produtos possibilitaram a criação de um comércio mundial, que por sua vez possibilitou a concentração de riquezas, o que ficou conhecido como Acumulação Primitiva de Capital, e passou a servir de reserva de recursos para o surgimento da Revolução Industrial. Outro fator importante foi o aparecimento das máquinas a vapor, do tear mecânico e das máquinas de fiar.

Outra razão que pode ser citada para explicar o fato de a Revolução Industrial ter iniciado na Inglaterra, é a supremacia naval inglesa, que lhes proporcionou um controle no comércio mundial, criando um grande império colonial que era ao mesmo tempo consumidor de produtos e fornecedor de matérias primas. A

disponibilidade de mão de obra, uma vez que durante o século XVI, ocorreu intenso êxodo rural, graças à transformação das terras em pastagens para criação de ovelhas, e a população passou a se concentrar nas cidades, transformando-se em mão de obra barata, o que colaborou para o aumento da produtividade industrial.

3.3 A EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO

Para o surgimento do capitalismo, é essencial que exista a separação entre o proprietário dos meios de produção e da terra, e os proprietários da força de trabalho. Essa separação possibilita que o trabalhador venda sua força de trabalho e que dela extraia seu salário. A força de trabalho do indivíduo é transformada em mercadoria, que pode ser negociada, e o resultado dessa negociação gera a subsistência.

O capitalismo foi evoluindo aos poucos, gradativamente, e foi aos poucos se sobrepondo a outras formas de produção, até alcançar uma hegemonia. Diferentemente do feudalismo, no capitalismo, a estrutura da propriedade, que define não só as relações de trabalho fixadas entre os homens, como também as condições de produção. A propriedade está estruturada na propriedade privada, que define as relações de trabalho, que é predominantemente a forma assalariada. Os capitalistas, proprietários das terras e empregadores, tem o objetivo de obter o lucro, não importando sobre quem terão que passar, sendo assim, os trabalhadores, que precisam sobreviver e não são possuidores dos meios de produção, vendem sua força de trabalho, em troca de dinheiro. Percebe-se aqui a grande desigualdade que existe entre as classes da sociedade existentes no capitalismo.

O acúmulo das riquezas nos países responsáveis pelas navegações se deu através do comércio. Durante tal período, despertava interesse tudo o que pudesse ser vendido com a obtenção de lucro, e o negócio mais lucrativo encontrado na época, foi o tráfico de escravos.

Capitalismo comercial: foi do século XV até o XVIII, quando ocorreu a expansão de países como Espanha e Portugal, que tinham como objetivo descobrir

uma nova rota para as Índias, e acabar com a superioridade da Itália no comércio com o Oriente. Tal época foi a das tão conhecidas Grandes Navegações, época na qual o nosso país começou a ser colonizado, por portugueses (de religião católica).

Essa acumulação de riquezas, oriundas das grandes navegações, foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, que permitiu o acúmulo de capitais nas mãos da burguesia européia, que originaram a Revolução Industrial.

Aumentava gradativamente a capacidade da produção, como a produção em série, e já na segunda metade do século XIX, acontecia a Segunda Revolução Industrial. Aqui, precisamos lembrar que foram introduzidas novas tecnologias e novas fontes de energia, despertou-se o interesse pela pesquisa.

O ambiente das cidades era favorável para o desenvolvimento do comércio, as feiras tornaram-se cidades, que se desenvolveram com grande agilidade, passando a exercer uma hegemonia sobre o campo. A produção rural passa então a ser o meio de manutenção e abastecimento das cidades e da vida urbana recém formada, tornando as cidades capitalistas diferentes das existentes até aquele momento.

O capitalismo industrial foi marcado por transformações na economia, na sociedade, cultura e política, e a característica mais importante, foi a de transformar da natureza uma quantidade muito maior de produtos aos consumidores, o que gerava então um volume muito maior de lucro aos produtores. O núcleo do sistema capitalista não era mais o comércio, o lucro era proveniente da produção de mercadorias. Todo o mecanismo de exploração capitalista foi denominado por Karl Marx de mais valia.

Mais Valia: toda pessoa que possui capacidade de desenvolver atividades; são trabalhadores, que recebem uma remuneração por sua jornada de trabalho, porém, o trabalho gerado pelo trabalhador, produz um valor maior do que o que ele recebe na forma de salário. Essa parte do trabalho que não é paga ao trabalhador, fica retida pelos donos das fábricas. Desta forma, todo o produto vendido carrega uma parte que não é paga aos trabalhadores, gerando assim o acúmulo de capitais.

O trabalhador além de produzir mais do que recebe, ainda tem que comprar seus meios de subsistências, seus meios para conseguir trabalhar, e produzir mais para o capitalista.

Como principais conseqüências da Revolução Industrial, podemos citar o surgimento do capitalismo financeiro, já que com tal revolução, ocorreu o desenvolvimento do capitalismo industrial; a formação de grandes conglomerados econômicos, uma vez que foi em tal revolução que se desenvolveu o liberalismo econômico, baseado na livre concorrência, e esse processo possibilitou a absorção das pequenas empresas pelas grandes, gerando o monopólio. O processo de produção em série, onde as mercadorias passaram a ser produzidas de maneira uniforme e padronizadas; a expansão do Imperialismo, uma vez que as potências capitalistas recém surgidas precisavam de mercados externos para escoar seu excedente de mercadoria.

Com o início da produção fabril e produção em série, desenvolveu-se a divisão do trabalho, ou seja, tarefas que um só trabalhador desenvolvia do início ao fim da fabricação de determinado bem, agora passaram a ser divididas, e o trabalhador, passou a desenvolver apenas uma parte da produção. Agora, inúmeros trabalhadores eram responsáveis pela produção de um mesmo bem. Os ganhos de produtividade decorrentes da divisão do trabalho podem ser atribuídos a fatores como, por exemplo, maior destreza do trabalhador na realização de suas tarefas, uma vez que passava muito tempo realizando o mesmo trabalho e acabava por desenvolver métodos próprios de acelerar o serviço, o que levava a um grande número de invenções de máquinas que facilitassem o trabalho. Indivíduos são direcionados a se especializar em um único trabalho, aumentando assim seu excedente. A dinâmica da acumulação capitalista se caracteriza pelo fato de que quanto maior o volume de capital, maior a capacidade de divisão e mecanização do trabalho, proporcionando assim a geração de maiores lucros, e assim maior capital. O aumento dos salários tende a aumentar as forças produtivas do trabalho, e assim fazer com que uma quantidade menor de mão de obra, seja capaz de produzir uma quantidade maior de produtos. Passara a existir então, uma grande quantidade de mercadorias que poderá ser produzida por um pequeno número de trabalhadores,

onde o aumento do preço desses trabalhadores, é compensado pela redução na de sua quantidade.

O desenvolvimento do capitalismo prosseguia de vento em popa, quando começaram a surgir e alcançar algum desenvolvimento diversas empresas, que conseguiam isso, graças à concentração e centralização de capitais. Surgiam então, fusões e incorporações, gerando monopólios, o que dava início à fase capitalismo financeiro e monopolista.

Max Weber, na sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, procura elucidar as razões pelas quais o capitalismo iniciou seu desenvolvimento em países como a Inglaterra e a Alemanha, e soma a essas idéias, o fato de tais países possuírem hábitos de vida ligados a religião protestante. Weber desenvolve suas idéias baseadas no fato de que as idéias puritanas influenciaram o desenvolvimento do capitalismo. Mostra que determinados tipos de protestantismo, aqui poderemos citar como exemplo, os Calvinistas, favoreceram o comportamento econômico desenvolvido de forma racional. O protestantismo também ajuda a fortalecer a idéia de que habilidades como a música e o comércio devem ser encarados como um presente divino, e por isso devem ser incentivados e desenvolvidos, para assim agradar a Deus.

Eram seguidores do protestantismo não só os proprietários de capital e das empresas, mas também a mão de obra mais qualificada, e isso ocorria em quase toda a parte onde se desenvolveu o capitalismo. Ainda no século XVI, a grande maioria das cidades ricas havia se convertido ao protestantismo. Os protestantes demonstraram desde o início uma forte tendência ao racional, mais especificamente ao racionalismo econômico, o que não era encontrado entre os católicos mesmo quando estes representavam a maioria, ou quando apresentavam supremacia econômica.

Vejamos o exemplo dos artesãos, que quando católicos, apresentam uma acentuada tendência a permanecer como artesãos para o resto de suas vidas, sem buscar especializações. Em contra partida, os artesãos protestantes, buscar aprimoramento e crescimento, para chegar até as áreas mais qualificadas e cargos

administrativos. Isso consolida o pensamento de Weber, quando este nos mostra que na maioria dos cursos de ensino superior, os estudantes protestantes são a maioria, e os católicos, mesmo quando dão início a tal estudo, acabam desistindo antes do fim.

Tal fato, unido ao de que a participação esmagadora dos protestantes na propriedade do capital e nas posições de liderança das renomadas indústrias e também da grande maioria da área comercial, é além da participação dos católicos, e se deve a razões históricas, e são conseqüências de fenômenos sociais. A grandiosa maioria dos protestantes nesses postos de trabalho representa conseqüência de essa população ser a possuidora do capital, ter tido uma educação mais cara e que estendeu por mais tempo, e ainda nos dias atuais, esta ligada a riquezas oriundas de heranças.

Podemos neste ponto melhor ilustrar as afirmações de Weber, com a seguinte passagem do seu livro:

Por outro lado, impõe-se o fato de os protestantes (especialmente em alguns de seus ramos que serão discutidos mais adiante), tanto como classe dirigente quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, ter demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pode ser observada entre os católicos em qualquer uma dessas situações. A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política (Weber, 2004, pg. 33).

Aqui existe um fato que é importante lembrarmos, o chamado espírito do trabalho, ou do progresso, não era, na época do surgimento do capitalismo, o mesmo que é nos dias atuais. O protestantismo dos primórdios, o de Calvino ou de Lutero, não tinha ligação com o desenvolvimento econômico, ou com o que conhecemos de progresso. Para encontrarmos alguma ligação entre o espírito protestante de antigamente e o capitalismo moderno, devemos observar traços puramente religiosos. Devemos estudar as diferenças e peculiaridades encontradas nos pensamentos religiosos e nas diversas manifestações da religião crista.

Nos dias atuais, na Alemanha, por exemplo, onde existe uma relação entre religião e a conduta de vida da população, essa relação é conturbada e negativa. À parte da população movida pelo chamado “espírito do capitalismo”, costuma ser indiferente à Igreja, isso quando não, hostil com relação a ela. A religião é vista por essas pessoas como um meio de desviar a atenção das pessoas ao trabalho, e assim gerar tempo ócio. Para tais pessoas a idéia do monótono paraíso eterno, é totalmente incompatível com toda a sua energia para o trabalho. O motivo maior de toda essa preocupação como trabalho e com a busca sem descanso pelo bem estar (e pode se dizer também pelo dinheiro), esta na preocupação com o bem estar dos filhos e netos, mas também esta no fato de que para eles, a vida sem trabalho não faz sentido algum, o trabalho constante e sem descanso, tornou-se indispensável à vida. Eles acreditam que a vida, o ser humano, existe para os negócios e para o trabalho, e não que o trabalho e os negócios em si, existam para que o ser humano possa viver.

Apesar de voltar sua vida ao trabalho e ao longo dela conseguir guardar somas consideráveis, o tipo ideal de empresário não deve ser reconhecido por sua aparência. Como nos diz Max:

O ‘tipo ideal’ do empresário capitalista, tal como representado entre nós alemães haja vista alguns exemplos eminentes não têm nenhum parentesco com esses ricos de aparência mais óbvia ou refinada, tanto faz. Ele se esquia a ostentação inútil, bem como o gozo consciente do seu poder, e sente-se antes incomodado com os sinais externos da deferência social de que desfruta (Weber, 2004, pg. 63).

Para tais homens, o fato de possuir grandes riquezas, representa nada mais do que seu dever cumprido. E ao contrário do que possa parecer, os agentes que implantaram o capitalismo como sistema econômico poderoso que é hoje, não eram homens desonestos ou inseqüentes, nem mesmo eram homens ricos, nascidos em berço de ouro, foram sim, homens simples, acostumados ao trabalho árduo e pesado. Não eram sonhadores, mas idealizadores que pensavam mais na família do que em si próprios, e muito mais no futuro do que no hoje, muito embora quando

esse futuro chegava, eles não encontravam tempo para descansar, apenas tempo para trabalhar.

4 O TRABALHO COMO VOCAÇÃO

O trabalho e a conquista de bens e capitais, separadas da vontade de usufruí-las, soam hoje para nos, um tanto “irracional”. Porém, se observarmos a fundo, é essa irracionalidade que está presente no conceito de vocação.

“*Beruf*” é a palavra dentro do dicionário alemão que pode ser traduzida como “vocação profissional”, como “profissão, como “vocação”. Segundo os alemães, *Beruf* seria entender a profissão como uma vocação, uma missão designada a cada um, diretamente por Deus. Se analisarmos ao longo da história, chegaremos à conclusão de que os povos católicos ignoram o que podemos traduzir por *Beruf*, diferentemente do que acontece com povos onde predomina o protestantismo, que a reconhecem e seguem com veemência.

O conceito de vocação profissional é desenvolvido por Lutero logo no início de suas lutas pela Reforma, o que nos leva a concluir, que tal conceito tem origem na Reforma. Encontramos aqui uma idéia que vai de encontro às expostas por Adam Smith, segundo a qual, a divisão do trabalho leva cada individuo a trabalhar não para si, mas para os outros³, e nos diz que: “não é da benevolência do açougueiro, do padeiro ou do camponês que nos esperamos nosso almoço, mas da atenção que dão a seu próprio interesse; não apelamos a seu amor ao próximo, mas sim a seu egoísmo, e jamais lhes falamos das nossas necessidades, mas sempre do seu interesse”². Contrastando a isso, aparece o trabalho como uma expressão do amor ao próximo, uma vez que na doutrina calvinista, o trabalho era somente um objeto através do qual se aumentava a glória de Deus. Cumprimento da missão profissional, do trabalho ao qual Deus lhe havia predestinado era a expressão mais pura de amor ao próximo.

Nos início de suas lutas pela Reforma, Lutero ainda não via a profissão como vocação. Acreditava que qualquer que fosse a profissão, qualquer que fosse o tempo dispensado nela, os ganhos obtidos e conseqüentemente, qualquer que fosse a classe social ocupada através da profissão, à vida eterna e o paraíso seriam

³ Adam Smith, citado por Max Weber, em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, 2004, p. 73.

alcançados. Segundo essa visão, não fazia sentido algum, dar importância a que profissão era exercida, se era o dono da fábrica ou um simples operário, já que a ambição era vista como um grande pecado, e o fato de obter lucros através da extração do trabalho dos outros, era imediatamente condenável. Com o tempo, tornou-se cada vez mais presente em Lutero, a idéia de predestinação, a idéia de que cada indivíduo deveria permanecer na profissão e na camada social na qual Deus o colocou, e controlar sua ambição, já que esta era vista como pecado. Assim, Lutero não chegou a estabelecer um vínculo entre o trabalho profissional e os princípios religiosos, uma vez que para Lutero, o cristão serve a Deus somente na profissão e não através da profissão.

Então, para Lutero, a vocação em seu conceito, continuou sendo algo que o homem tinha obrigação de aceitar sem pestanejar como um desejo, uma vontade de Deus. O trabalho deveria ser visto como a missão dada por Deus a cada um, e querer mais do que lhe foi designado, era visto como um pecado. Para Lutero, quando se tem fé, todas as atividades são agradáveis aos olhos de Deus, até mesmo as simples atividades físicas.

Era só por meio do trabalho e através do desenvolvimento das empresas que o homem afirmaria sua superioridade do espírito sobre a matéria e assim conseguiria prestar sua sincera homenagem a Deus seu criador. Mais do que isso, o trabalho pode e deve ser considerado como o criador e mantenedor na harmonia do mundo, sendo assim, o homem não teria apenas a tarefa de manter a harmonia do mundo, mas também a missão de prolongar essa harmonia como sinal de sua obediência.

5 O TRABALHO PARA OS CATÓLICOS

Muito já foram enfatizadas aqui, as diferenças existentes entre católicos e protestantes, e principalmente como eram diferentes os seus pontos de vista sobre a vida profissional. Ainda na Idade Média, os católicos viviam pura e simplesmente para cumprir seus deveres tradicionais. Como enfatizou Weber, os católicos viviam “da mão para a boca”⁴ ou seja, trabalhavam tão somente para seu sustento, não fazendo nada mais do que entendiam como ser sua obrigação, e se por ventura, realizassem alguma coisa além das suas obrigações, permaneciam como ações isoladas, de um feito isolado, que jamais poderiam ser colocadas como regra, e muito menos colocadas como dever que os outros também deveriam cumprir. Tais ações por eles consideradas fora da sua rotina de obrigações, muitas vezes eram realizadas com o claro objetivo de redenção de algum pecado, e na maioria das vezes, era influenciado por padres, ou mesmo realizado antes da morte, para que obtivesse o perdão de Deus.

A Igreja Católica usava como instrumento de educação dos fiéis, o sacramento da confissão, cujo objetivo era o arrependimento das ações supostamente erradas dos fiéis. Depois do ato da confissão, eram designadas ações que serviriam para remissão dos pecados. Eram tais as ações isoladas, que ficavam como crédito e somariam na hora de decidir sobre o destino eterno de cada um.

A confissão era o meio mais fácil de educar os fiéis, e também o que facilitava o modo de vida desregrado. O padre era portador do poder do perdão, e podia se recorrer a ele sempre que se considerasse necessário que ele, através da penitência e do arrependimento, realizava o perdão dos pecados, tirando dos ombros do católico, o peso da condenação. Os católicos viviam em um vai e vem constante entre o céu e o inferno, entre o perdão e a condenação, viviam pecando, arrependendo-se, pagando as penitências designadas pelo padre, experimentavam o alívio, para mais uma vez pecar. Sua existência eterna seria decidida pelas últimas boas ações, ou pelos últimos pecados, não existia um saldo de toda vida. Nos

⁴ Adam Smith em “A riqueza das Nações”.

tempos modernos já não somos capazes de imaginar o “poder” que tinham os padres, o quão influente eles eram na vida e nas atitudes dos fiéis, e o quanto à atuação dos líderes religiosos eram responsáveis na formação do caráter de um povo.

Para os católicos, contrariando os seguidores do protestantismo, não foi o homem que surgiu para o trabalho, e não é este que o levará a salvação eterna, mas sim o trabalho que surgiu para servir o homem, e satisfazer suas necessidades. Os católicos além de viverem “da mão para a boca”, trabalham pensando apenas no dia atual, não em acumular riquezas e bens para serem usufruídas mais tarde, ou para o bem estar de seus descendentes.

Para os pregadores do catolicismo mais rígidos, o trabalho é o responsável pela criação das cidades-dormitórios, e os escritórios-modelos, que acabam por afastar as famílias, e privá-las do convívio diário. É o trabalho que transforma os costumes familiares e coletivos, gera doenças e acidentes. O trabalho leva a migração das massas, a desorganização da natureza e do meio ambiente, acarretando poluição e destruição.

Temos aqui uma citação que o autor julga definir o pensamento católico perante a idéia de trabalho e da sociedade, a idéia de como deve ser a divisão dos bens na sociedade católica considerada como ideal.

O fim da sociedade é o bem comum, o bem social que se destina a cada um dos membros da sociedade, donde nasce o direito de cada um dos sócios a gozar deste bem, e nos outros, o dever de não o impedir. O bem comum não é uma soma de bens. É um estado sócio, um conjunto de regras e de costume, de instituições, de coisas e valores, que condicionam a vida privada e as suas iniciativas. O bem comum é o fim de cada uma das pessoas da sociedade ainda que não se identifique como o bem de cada uma delas. Mas ainda que distinto dos bens particulares, o bem comum de certa maneira inclui-os, como uma sociedade, que não sendo nenhum dos seus membros se compõe deles. Quanto maior plenitude se realiza o bem comum na sociedade, maiores facilidades encontram os seus membros para realizar o bem próprio. Valério Maximo dizia dos antigos romanos que preferiam serem pobres num império rico, que ricos num império pobre. Quando se trabalha sob o impulso da justiça social com vistas ao bem comum, trabalha-se para o seu próprio bem (Moreira 1996, pg. 160).

Segundo as palavras de Moreira, podemos observar que o católico, trabalha para o bem comum, que na sociedade com predominância não deveria existir diferenças sociais, uma vez que todos deveriam trabalhar somente para comer, e não com o desejo de possuir mais que os outros.

6 O TRABALHO SEGUNDO O CAPITALISMO

O capitalismo condena em termos morais, o descanso. A riqueza só é reprovável, porque traz consigo o perigo do relaxamento, na terra, deve-se sempre buscar o descanso eterno, sem pestanejar sobre a hipótese de já o ter alcançado. Não se pode por um só momento da vida, esquecer que o “descanso eterno dos santos” esta no outro mundo, na pós-morte, e que a vida serve somente para o trabalho. O ócio é o maior dos pecados, perder tempo com descanso é sumariamente condenável. Todo o tempo de vida deve ser dedicado a cumprir a vocação profissional e assim agradar a Deus. Até mesmo dormir além do considerado necessário para recarregar as forças utilizadas no trabalho, é moralmente condenável. Cada hora trabalhada é glória servida a Deus. É o trabalho que cria a certeza da salvação eterna.

Mesmo ao homem que já possui riquezas acumuladas, não é permitido e muito menos bem visto viver sem trabalhar, pois mesmo que não mais precise do trabalho para sua sobrevivência, ele deve obedecer a Deus, tanto quanto quem precisa trabalhar durante o dia, para que possa ter o pão para se alimentar à noite. Mesmo ao homem rico, que é capaz apenas de viver recebendo os juros do que já produziu e guardou, é cobrada obediência aos mandamentos e à vontade de Deus. Ele, em sua imensa sabedoria, concedeu a cada ser, uma vocação profissional, que deve ser seguida e aperfeiçoada até os últimos instantes de vida. Até seu ultimo suspiro, o homem deve buscar melhorar e crescer na sua profissão. Mesmo sendo o homem rico e que não dependa diretamente do seu trabalho diário para obter seu sustento, não lhe é permitido desobedecer ao mandamento de Deus, que diz que ele deve trabalhar como um pobre. Todos os homens devem obedecer a sua vocação, que existe como uma ordem dada por Deus e deve ser respeitada. Aqui encontramos uma divergência como pensamento luterano, já que estes acreditavam dever se encaixar e se resignar ao seu destino sem ter que lutar para progredir.

Já para Lutero, como vimos, a inserção mesma dos seres humanos nas profissões e nos estamentos já dados, que é um produto da ordem histórica objetiva, torna-se ela própria uma emanção direta da vontade divina e, portanto, vira uma obrigação religiosa para o indivíduo permanecer na

posição social e nos limites em que Deus o confinou (Weber, 2004, pg. 146).

É fadado a todo homem ter uma profissão fixa, ele deve exercer não um simples trabalho, mas uma profissão, e todas as tarefas que realiza fora dessa profissão, são apenas trabalhos ocasionais, acaba por ser desorganizado e indisciplinado. É a profissão que proporciona a realização das tarefas de forma ordenada e prioritária. Segundo o pensamento protestante, existe uma imensa distância entre o exercer um simples trabalho e exercer uma profissão de fato, é esse trabalho profissional racional que Deus exige, sempre dando importância ao crescimento dentro da profissão. Essas exigências pela busca da vocação profissional e do crescimento influenciaram diretamente o desenvolvimento do estilo de vida capitalista.

O capitalismo não vê como um pecado a mudança de profissão, desde que essa mudança, não seja feita pura e simplesmente em benefício próprio. As mudanças não são condenadas, desde que seja para trocar a atual por uma mais útil, uma profissão mais agradável aos olhos de Deus, uma vez que este analisa as profissões, seguindo critérios morais (não pode fazer mal a quem a executa e menos ainda pode ser prejudicial aos outros), e depois analisa a importância que a nova profissão terá para todos, se os bens que serão produzidos por ela serão de uso e importância para o coletivo. Como terceiro critério na análise da profissão por Deus, encontramos a capacidade de dar lucro, ou seja, quanto à realização de tais tarefas, poderá gerar em termos de lucro econômico privado. Caso Deus lhe conceda a oportunidade de realizar algo mais lucrativo, e essa oportunidade é recusada, um grande pecado estará sendo cometido.

Para o Deus dos capitalistas, é sim permitido ser rico, trabalhara para ficar rico não é visto como pecado. A riqueza só é condenada quando leva ao ócio, a preguiça, e a vontade de acumular riquezas para mais tarde viver apenas usufruindo-a, sem mais trabalhar. (Weber, 2004) o que é condenado pelos puritanos não é contra o ganho racional de posses, mas sim contra o uso irracional das posses. As posses deveriam ser utilizadas não como no feudalismo que ostentava e valorizava o luxo, mas sim, para fins agraciados por Deus, de fazer o bem tanto

individual quanto coletivo. O ser humano é basicamente um administrador, que ganhou de Deus a graça abençoada de administrar seus bens, e Deus lhe cobra o rendimento de cada centavo, sendo assim, seria uma intempérie usar esses bens para “aproveitar” a vida, ao invés de fazer multiplicar cada moeda.

Podemos observar aqui, que a concepção Calvinista, principalmente a disseminada entre os Puritanos (seguidores ingleses do protestantismo), teve influência direta no estilo de vida desenvolvido entre os capitalistas, principalmente no que diz respeito à vocação profissional. Ambos condenam sem pestanejar o gozo da vida e o que ela pode oferecer. O aproveitar da vida, era condenado por afastar do objetivo primário do trabalho, até mesmo manifestações culturais como o teatro, eram condenadas, alegando fomentarem o ócio, sendo, portanto prejudiciais ao comércio.

Com a passagem citada a baixo, podemos entender bem como se define o homem capitalista, e quais devem ser suas atitudes. As palavras são de Benjamim Franklin, citadas por Max Weber em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”.

Lembra-te que tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho podem ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais.

Lembra-te que crédito é dinheiro. Se alguém me deixa ficar com seu dinheiro depois da data do vencimento, esta me entregando os juros ou tudo quanto nesse intervalo de tempo ele tiver rendido para mim. Isso atinge uma soma considerável se a pessoa tem bom crédito e dele faz bom uso.

Lembra-te que o dinheiro é procriador por natureza e fértil. O dinheiro pode gerar dinheiro, e seus rebentos podem gerar ainda mais, e assim por diante. Cinco xelins investidos são seis, reinvestidos são sete xelins e três pence, e assim por diante, até se tornarem cem libras esterlinas. Quanto mais dinheiro houver, mais produzira ao ser reinvestido, de sorte que os lucros crescem cada vez mais rápidos. Quem mata uma porca prenhe destrói sua prole até a milésima geração. Quem estraga uma moeda de cinco xelins, assassina (!) tudo o que com ela poderia ser produzido: pilhas inteiras de libras esterlinas.

Lembra-te – como diz o ditado – um bom pagador é senhor da bolsa alheia. Quem é conhecido por pagar pontualmente na data combinada pode a qualquer momento pedir emprestado todo o dinheiro que seus amigos não gastam.

Isso pode ser de grande utilidade. A par de prestezas e frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e retidão

em todos os seus negócios. Por isso, jamais retenha dinheiro emprestado uma hora a mais do que prometeste, para que tal dissabor não te feche para sempre a bolsa de teu amigo.

As mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas. As pancadas de teu martelo que teu credor escuta as cinco da manhã ou às oito da noite o deixam seis meses sossegado; mas se te vê à mesa de bilhar ou escuta tua voz numa taberna quando devias estar a trabalhar, no dia seguinte, vai reclamar-te o reembolso e exigir seu dinheiro antes que o tenhas à disposição, duma só vez.

Isso mostra, além do mais, que não te esqueces das tuas dívidas, fazendo com que pareças um homem tão cuidadoso quanto honesto, e isso aumenta teu crédito.

Guarda-se de pensar que tudo o que possuis é propriedade tua e de viver como se fosse. Nessa ilusão incorre muita gente que tem crédito. Para te precaveres disso, mantém uma contabilidade exata de tuas despesas e receitas. Se te deres a pena de atentar para os detalhes, isso terá o seguinte efeito benéfico: descobrirás como pequenas despesas se avolumam em grandes quantidades e discernirás o que poderia ter sido poupado e o que poderá sê-lo no futuro...

Por seis libras por ano poder fazer uso de cem libras, contanto que sejas reconhecido como um homem prudente e honesto. Quem esbanja um groat {quatro pence} por dia esbanja seis libras por ano, que é o preço para o uso de cem libras. Quem perde a cada dia um bocado de seu tempo no valor de quatro pence (mesmo que sejam só alguns minutos) perde, dia após dia, o privilégio de utilizar cem libras por ano. Quem desperdiça seu tempo no valor de cinco xelins perde cinco xelins e bem que os poderia ter lançado ao mar. Quem perde cinco xelins, não perde só essa quantia, mas tudo o que com ela poderia ganhar aplicando-a em negócios – o que ao atingir o jovem uma certa idade, daria uma soma bem considerável (Weber, 2004, pg. 42).

Observando as palavras acima, podemos compreender bem o chamado “espírito do capitalismo”, é claro, porém, que tal espírito não se define somente por isso. Fica fácil perceber certa avareza que passa ser comum nas atitudes dos capitalistas, uma vez que a falta de esforço para criar e recriar suas posses, acaba sendo considerado como que uma loucura, uma demência. Como afirma Weber, “querer ser pobre, é o mesmo que querer ser doente” (2004 p. 148).

A consciência na execução do trabalho, a valorização religiosa do trabalho profissional sem descanso, e disciplinado, servem como comprovação da regeneração do ser humano e do quanto sua fé em Deus e em ser um escolhido para salvação eterna é autêntica e firme. E é essa consciência firme, e a expansão desse pensamento, que podemos ressaltar como “espírito” do capitalismo.

O sistema econômico capitalista, precisa que seus seguidores tenham um pensamento único de ganhar dinheiro, e veja isso como suas vocações assim como os monges católicos vêm como vocação seguir na clausura e ter uma vida de

privação e orações. Vemos aqui o objetivo do capitalismo, como sendo o de ganhar dinheiro, sempre mais e mais. Só é importante a utilidade do ser em não a sua felicidade. O homem deve levar sua vida em função dos seus ganhos e não os ganhos em função de cada homem. Considerando tais fatos, fica claro entender que o sistema capitalista seleciona seus membros, tanto trabalhadores quanto empresários, uma vez que o capitalismo não pode empregar trabalhadores que não se encaixem nas exigências feitas, trabalhadores que sejam indisciplinados, assim como também não são todos que aceitam dedicar suas vidas ao trabalho sem descanso. Também não são todos os que aspiram ser empresário, que possuem as virtudes necessárias para sobreviver ao sistema econômico imposto.

Tendo claros os fatos acima citados, fica fácil entender como qualidades essenciais do sistema econômico capitalista, o planejamento e a sobriedade, e só com tais qualidades é possível chegar ao sucesso. Com base nisso, compreendemos o sistema dos camponeses, que não atuam de forma planejada, mas sim se orienta pelo oportunismo, pela especulação irracional e pelo espírito aventureiro (Weber, 2004).

Desde o surgimento do capitalismo, seus métodos de criação e procriação da vida e do seu próprio sistema, esbarram num inimigo chamado “tradicionalismo”. É esse tradicionalismo, o método de vida a que estão acostumados os trabalhadores, e por ser algo já intrínseco aos seres, é tão difícil de ser mudado.

Ao tradicionalismo, não importa ganhar mais, mas sim, trabalhar menos. O que importa não é o quanto mais vai ganhar se tiver que trabalhar por mais horas, mas sim, quantas horas menos poderiam trabalhar ganhando a mesma quantia. Interessa ao trabalhador tradicionalista que lhe restem mais horas de descanso, com o mesmo salário atual, um aumento no salário acompanhado de aumento de trabalho não lhe chama atenção. Diferentemente do que pensam os capitalistas que sentem prazer em trabalhar, os tradicionalistas só trabalham por necessidade. “O povo só trabalha porque é pobre e enquanto for pobre” (Weber, 2004, p.53). O que lhes é importante não é o lucro, mas sim a satisfação das necessidades.

Nas chamadas “economias tradicionais”, o empresário tradicionalista diferencia-se pelo “espírito” tão diferente do atualmente conhecido “espírito do capitalismo”. O tradicionalista buscava seguir sua vida tradicionalmente, obtendo os mesmos lucros que tradicionalmente obtinha, trabalhando o tanto quanto estava acostumado a trabalhar, organizando seus negócios do modo tradicional, tendo uma relação tradicional com seus clientes e funcionários, fazendo o marketing de seu negócio da forma tradicional. Resumindo então, o empresário tradicionalista não estava acostumado a inovações, e não as via com bons olhos, preferia manter as mesmas atitudes, a arriscar mudanças.

O conceito tradicionalista pode ser encontrado também entre os protestantes luteranos, que, influenciados por Lutero mantinham o conceito de vocação profissional com raízes tradicionalistas. Via a vocação como algo que devia ser aceito como designado por Deus, tendo que se converter e se adaptar as condições impostas por essa missão (o trabalho profissional era visto como uma missão), devendo manter sua ambição nos limites do nível de vida que lhe foi destinado. O tradicionalismo é a tradução perfeita da obediência e aceitação incondicional a Deus.

Existe um sem número de diferenças entre católicos e protestantes, entre seu modo de pensar, de ver a vida e de seguir a Deus e seus ensinamentos. Weber, em sua obra deixa claro uma série de aspectos defendidos pelo modo protestante (que não são aceitos pelos católicos), que influenciam diretamente no estabelecimento, desenvolvimento e disseminação do “espírito do capitalismo”. Dentre esses aspectos, podemos citar como mais sobressalentes: à vontade sem fim de crescer em termos financeiros, o hábito da poupança pensando sempre no futuro, o cuidado com bens materiais, o desejo de se tornar qualificado profissionalmente e assim chegar a cargos de liderança. Para Weber, a religião influencia diretamente a economia, mas a economia também é fator de influência direto na religião. Podemos comprovar o que foi dito acima, através da passagem:

Combinando essa restrição do consumo com essa liberação da procura de riqueza, é óbvio o resultado que daí decorre: a acumulação capitalista através da compulsão ascética à poupança. As restrições impostas ao uso

da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital (Weber, 2004, pg. 124).

Outros historiadores também se dedicaram e se dedicam até hoje a estudar o tema “economia e religião”. Um deles é o historiador econômico Amintore Fanfani, que defende as idéias de Weber, e afirma que o protestantismo estimulou sim o desenvolvimento do capitalismo, uma vez que retirou obstáculos espirituais que eram pregados pelos católicos. Mais do que isso, ele acredita que o catolicismo atrapalha o desenvolvimento do capitalismo, e deixa isso claro na seguinte passagem de um de seus textos:

Sem duvidas, repetiremos uma vez mais, que no fundo a razão verdadeira e ultima da oposição entre a ética católica e a ética capitalista se encontra na diferente forma de lidar com as ações humanas (e no caso específico, as ações econômicas) com Deus. Já dissemos que o católico mede a legalidade de todo ato de acordo com os critérios cristãos. Enquanto o capitalismo não duvida da hombridade de todo ato que esteja de acordo com as exigências do que ele considera razão da existência humana (Fanfani, 1953, pg. 195).

Podemos enfatizar a afirmação de que à medida que o capitalismo se desenvolve se reduz a influencia e o poder da religião, através das palavras de Weber:

Temo que, toda vez que a riqueza aumenta, a religião diminui na mesma medida. Não vejo daí, como é possível, na natureza das coisas, conservar durante muito tempo qualquer revivência da verdade religião. Porque a religião deve necessariamente produzir a operosidade, como o senso da economia, e essas só podem produzir riquezas. Quando esta aumenta, crescem o orgulho, a paixão e o amor ao mundo em todas as formas. Como será então possível ao metodismo, isto é, a uma religião do coração. Continuar nesse sentido, por mais que agora esteja a florescer como uma árvore nova (Weber, 2004, pg. 160)?

Nossos estudos nos levam a crer então, que as opiniões em relação à economia têm se dividido em duas grandes correntes ao longo da historia. Uma das correntes, chamada católica, é caracterizada principalmente por fazer elogios à

pobreza, o que se for levado ao extremo, pode ser visto sim, como um impedimento ao progresso e ao desenvolvimento dos povos. E a outra corrente, é a do protestantismo, que ao contrário do catolicismo, faz elogios à riqueza, trata essa como sendo valor máximo, o que levado ao extremo, identifica a riqueza como uma bênção divina. A doutrina católica atribui à idéia cristã de excelência da pobreza, a pobreza voluntária foi sempre considerada o meio mais puro e seguro de se aproximar de Deus. Podemos aqui citar um fato que pode servir de explicação para o desejo de se manter pobre dos católicos, a propriedade privada gera desigualdade nas posições sociais. Seria então, para evitar essa desigualdade social, que seria desagradável perante os olhos de Deus, que os católicos mantivessem a preferência por não buscar crescimento econômico, fazendo com que os “bons católicos” abandonassem a vida dos negócios.

7 MUDANÇAS NAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

Já é fato claro e sabido que existe sim uma grande diferença entre as religiões e que estas foram de primordial importância na formação econômica dos diferentes Estados. Já ficou claro também para nós, que as organizações religiosas sofreram incontáveis mudanças desde o seu surgimento e ao longo do seu desenvolvimento no decorrer de todos os anos que se seguiram. Assim como as organizações religiosas, os sistemas econômicos também sofreram incontestáveis mudanças. Com base nisso, podemos concluir que a influência que uma exerce sobre a outra, também sofreu mudanças. Neste caso, o que mudou foi a influência que a organização religiosa protestante exerce sobre o sistema econômico capitalista, e da mesma forma, a influência que o catolicismo tem e exerce sobre o capitalismo. As relações são diferentes, porque os meios são diferentes, a vida hoje é diferente e até mesmo os objetivos são diferentes.

É incontestável que a forma religiosa conhecida como protestantismo (nas suas diferentes vertentes, sejam elas calvinistas, puritanas ou anabatistas) nos dias de hoje não é mais a mesma que se fez conhecida quando da Reforma Protestante. Não é mais o mesmo protestantismo sonhado, idealizado e disseminado por Martin Lutero, João Calvino e tantos outros seguidores. São quase quinhentos anos separando o surgimento de tal movimento, do movimento que conhecemos e se desenvolve no mundo hoje.

Mas não só o protestantismo sofreu mudanças ao longo dos séculos, também a religião católica não é mais a mesma. As pregações mudaram, novos santos surgiram, vertentes foram criadas, muitas normas foram deixadas para trás, mas a essência da religião católica continua sendo a mesma. Certamente não é mais o mesmo catolicismo de quando foi convocado o Concílio de Trento, muitos Papas já comandaram a igreja, e isso foi um dos fatos que contribuiu para que a concepção católica fosse alterada.

Porém, nossos objetos de pesquisa são três, e não podemos esquecer-nos das mudanças do capitalismo. O sistema capitalista muito mudou porém, ele já

existia muito antes do catolicismo e do protestantismo. Talvez houvesse uma diferença nas denominações e na intensidade das ações, mas a base do capitalismo já existia. Assim como, tantos anos mais tarde, muito mudaram e os objetivos já não são os mesmo, os continentes já foram “descobertos”, colonizados e explorados. A antiga máquina a vapor e os teares mecânicos já foram a muito substituídos por parentes muito mais capazes, velozes e mil vezes mais desenvolvidos e mais produtivos. O carvão e o ferro não são mais novidades, e as estradas de ferro e antigos trens, há muito foram trocadas pelos ares com os modernos aviões, e pelos trens bala. Hoje, os objetivos e objetos de aspiração do capitalismo são outros, no entanto, seu “espírito” continua exatamente o mesmo.

Outro elemento que aqui foi apenas visto como elemento que sofre as influências, deve agora ser visto como elemento mutante, o ser humano. Os homens evoluíram, mudaram e foram mudados. Já não são os mesmo que sofrem as mudanças e nem os que realizam as mudanças. Não é mais tão ingênuo quanto antigamente, nem tão amistoso também. O homem criou e passou por guerras e revoluções, numa busca constante pela evolução e no que entende se, pela melhora.

8 COMPARAÇÃO ENTRE PAÍSES COM PREDOMINÂNCIA CATÓLICA E PROTESTANTE

Para finalizar este estudo, faremos agora uma breve comparação entre duas economias muito distintas em todos os sentidos. São dois países imensamente diferentes, a contar desde o elemento geográfico. Compararemos EUA e Brasil, no que se refere à relação que existe neles hoje, entre seu governo e seu povo, uma vez que são dois países com religiões predominantes diferentes. A comparação aqui feita será breve, uma vez que não é o objetivo deste trabalho expor as diferenças entre os dois países, mas sim observar a influencia das organizações religiosas.

Iniciemos pelos aspectos geográficos. Os EUA apresentam uma geografia com montanhas rochosas e desertos. A agricultura exerce pequena participação na renda nacional. Possui rico potencial energético e suas utilizações constituem um dos fatores mais importantes do desenvolvimento industrial americano, possuem grandes reservas de ferro e carvão. Durante a colonização do país, no século XVII e XVIII, o território colonizado na sua grande maioria por ingleses, que fugiam da perseguição religiosa na Europa, e tinham o objetivo de se instalar ai e construir um novo país, e não apenas extrair suas riquezas e as enviar de volta à Europa.

Já o nosso Brasil, apresenta um clima tropical agradável, com diversidade de temperaturas, porém nada levado ao extremo. As quatro estações são definidas, e o clima, não só interfere na produtividade dos trabalhadores, mas interfere muito na produção do país. Não temos aqui vulcões, terremotos e tufões, o que nos deixa naturalmente tranquilos, pois sabemos que o que temos hoje, não será arrasado por um tornado amanhã. A produção agrícola é forte e extremamente importante na economia do país. Diferentemente dos EUA, tivemos uma colonização de exploração, com grande população de escravos e mais tarde imigrantes submissos.

Só o que foi citado nos dois últimos parágrafos já é suficiente para que se entendam as diferenças que existem hoje entre estes dois países, uma vez que os legados culturais herdados da colonização são de suma importância para definir como se desenvolveu um país, assim entender como ele se encontra inserido na

economia mundial. E os aspectos geográficos, são importantes para definir o que cada um produzirá e assim saber como vai se desenvolver a sua economia. Entretanto, outro aspecto é pra nos de fundamental importância, a religião. Nos EUA, encontramos a predominância do protestantismo. A considerável maioria, 64% da população é protestante, e apenas 25% são católicos, os outros 11% se dividem entre judeus e americanos que se declaram sem religião. No Brasil, a grande maioria da população é católica. Segundo dados do IBGE, o País tinha em 2005 mais de 155,6 milhões de católicos - o equivalente a 84,5% da população, os restantes 15,5% da população se dividem entre as demais religiões e os que aqui no Brasil também afirmam não possuir religião.

Todo o estudo até aqui realizado, leva a concluir a importância que teve e ainda tem a religião para a formação e desenvolvimento de um país e sua economia. A religião protestante estimula o desenvolvimento, a tomada de iniciativa, o trabalho em busca do crescimento e a independência financeira de todo cidadão e do país como um todo. Já a religião católica, estimula mais a acomodação dos trabalhadores, o “esperar cair do céu”, além de cobrar para levar as almas ao paraíso. Um dos motivos que levou Lutero a lutar pela Reforma Protestante foi o fato de que a Bíblia não era lida por todos, não era permitido que o povo tivesse acesso às escrituras sagradas (claro que a grande maioria do povo não tinha condições de entender a Bíblia, nem sequer tinha condições de lê-la), mas não era permitido que outras pessoas além das ligadas ao clero pudessem ler e interpretar tal livro. Assim, o povo tinha a interpretação que poderia não ser verdadeira, mas sim a que defendia os interesses do clero. Esse é apenas um exemplo simples da submissão a que o catolicismo conduzia seus seguidores.

Como sabemos, muito mudou dentro das igrejas católicas, ela se modernizaram e em muitos aspectos acompanharam o desenvolvimento e o progresso das sociedades. Porém, a idéia de manter a população submissa, ainda prevalece. A falta de estímulo a iniciativas em se tratando de atividades profissionais, mantém ainda essa religião retrograda. O pensamento católico continua ainda hoje a considerar a ambição como um pecado, à vontade de ter mais, de viver melhor, e continuam ainda a não se preocupar com o futuro dos familiares, não pensam e trabalhar mais, para ganhar e mais e assim proporcionar aos seus

descendentes uma vida mais confortável. O retrogrado pensamento católico continua sendo o do hoje, de fazer para hoje, ganhar para hoje, ter comida para hoje. Até mesmo o ato da confissão, como sendo obrigatório a todo católico devoto, ficando mercê de um “intermediário” de Deus para ser perdoado ou não, mostra a submissão a que seus seguidores são submetidos.

Já aos protestantes, tudo é diferente. A riqueza não é pecado, mas sim o esperar que alguém lhe sustente, isso sim é pecado. A falta de atitude e mais ainda a falta de vontade de trabalhar e crescer, isso sim, desagrada a Deus. Há uma grande “mistura” entre política e religião, as duas estão sempre profundamente interligadas, e isso não é pecado, mas é pecado sim a apatia política. Vejamos que no caso dos EUA, há uma intensa correlação entre política e religião, existe uma idéia muito difundida entre o povo americano, a idéia de que a nação seja como uma Igreja, uma espécie de comunidade santificada, e isso acontece porque houve a incorporação de um conceito puritano de nação, como sendo com uma missão a realizar. O sentimento de separação e superioridade religiosa dos puritanos foi transferido à nação.

Essa correlação entre política e religião sempre foi fundamental para o desenvolvimento econômico americano, e colabora em muito para que os EUA sejam hoje, essa potência mundial, sua economia é incontestavelmente a mais forte e mais influente do mundo. O país possui um produto interno bruto de US\$ 12,36 trilhões, com uma população de aproximadamente 300 milhões de pessoas, enquanto o Brasil alcançou em 2005, um PIB de US\$ 794 bilhões, com uma população que ultrapassa os 180 milhões de habitantes.

Os EUA possuem uma gama variada de recursos minerais, com grandes depósitos de ouro, petróleo, carvão e urânio. Na agricultura, está entre os maiores produtores mundiais de milho, trigo, açúcar e tabaco, entre outras produções, fazendo uso de técnicas modernas de produção e utilizando maquinário avançado. A indústria americana produz automóveis, aviões e produtos eletrônicos. O maior setor econômico, no entanto, é o dos serviços: cerca de três quartos dos habitantes dos Estados Unidos trabalham nesse setor. Seu maior parceiro comercial é o seu vizinho

do norte, o Canadá. Outros parceiros econômicos importantes são a União Européia, o México, o Japão e a China.

A população tem um nível de vida extremamente elevado, ganha muito bem, tem toda a assistência necessária do governo, vive em boas casas, e o país possui infra-estrutura adequada, as grandes tecnologias da atualidade se desenvolvem nos EUA. Os governantes possuem plena dominância sobre sua economia e até mesmo sobre a economia de outros países.

Contrariando esses dados, temos o Brasil, que não possui sequer saneamento básico em todo seu território. Sua população não tem acesso ao que lhe forneceria mínimas condições de sobrevivência e uma parcela gigantesca vive da mendicância. Apesar de possuímos um vasto território, vantagens climáticas, numerosa população em condições de trabalho, enormes áreas a serem cultivadas e grandes potenciais humanos a serem descobertos e aproveitados, o Brasil continua a ser um país pobre, que carrega até hoje o legado da escravidão que existiu quando de sua colonização, continua a ser uma colônia de exploração bem como no passado, mudando apenas os meios pelos quais são extraídos os bens que aqui existem.

O fato de o Brasil ser um país de predominância católica, em muito colabora para toda estagnação econômica. Não se desenvolveu no povo as mesmas idéias que no povo protestante. A nossa colonização foi basicamente feita por Portugueses e Espanhóis, mais tarde, vieram imigrantes Italianos e ainda mais tarde, Alemães e demais povos europeus. Consigo trouxeram as crenças, lembremos que um dos primeiros atos portugueses, foi à celebração de uma missa católica. Ao contrário dos EUA, que recebeu os primeiros imigrantes oriundos da Inglaterra, e que exatamente fugiam das perseguições religiosas contra os protestantes que iniciavam a Reforma Protestante. Tais imigrantes já traziam consigo as sementes do protestantismo, e ali puderam plantá-las e vê-las crescer e frutificar. Puderam implantar o Protestantismo tal qual sonhavam na Inglaterra, porém lá, como prevaleciam até então os católicos, essa implantação foi mais conturbada.

A esses imigrantes nos EUA e colonizadores aqui no Brasil, juntaram-se tantos outros povos, com tantos pensamentos iguais e diferentes, que hoje, formam os povos destes países. Junto aos que chegavam, ia se dissipando as idéias religiosas, que passavam de geração em geração, e sofriam mudanças necessárias para que se adaptassem ao que mudava no mundo. Porém, a essência, o pensamento essencial, até podemos dizer aqui, o “espírito” de cada uma das tão diferentes religiões prevaleceu sob as mudanças e continua a se desenvolver ainda hoje. Foi sob o comando de tais pensamentos que os séculos decorreram e as mudanças chegaram aos EUA e ao Brasil, cada um a seu ritmo, cada um ao ritmo permitido pela cultura de seu povo, cultura essa, desenvolvida nos arredores das igrejas, com o acompanhamento de perto dos padres católicos, ou pastores protestantes. Cada “rebanho” continuou a seguir às ordens de seus “pastores”, continuou a respeitar o que lhes foi transmitido por séculos, como certo, como bem quisto e como salvador de almas perante Deus.

Aos protestantes dos EUA, lhes foi transmitido ser agradável a Deus o trabalho, o lucro, o desenvolvimento, o crescimento. Foi-lhe transmitido que alcançaria a salvação eterna quanto mais trabalhasse, e que o trabalho lhe assegurava a certeza de ser um escolhido de Deus. Aos católicos brasileiros, lhes foi transmitido que ser rico constitui pecado, que agrada a Deus o fato de ser pobre, que se trabalha hoje, para que se tenha comida hoje, e com o amanhã, preocupar-se quando amanhecer. Aos católicos foi passada uma interpretação da Bíblia que convinha a Igreja, e até mesmo nos dias atuais, poucos ousam contestar a veracidade de tal interpretação.

9 CONCLUSÃO

O catolicismo como hoje conhecemos começou a ser difundido depois do Concílio de Trento, que teve seu término no ano de 1563. Para a igreja católica o Papa é a autoridade maior, muito embora, hoje saibamos que muitos dos papas que a igreja teve apoiavam a prática da usura e da indulgência. Foi principalmente contra essas duas práticas abusivas, que se colocavam os pregadores da Reforma Protestante, revolta essa que proporcionou o surgimento da organização religiosa conhecida como Protestantismo.

O protestantismo foi quem abriu as portas para o surgimento do sistema econômico capitalista, que hoje domina o mundo. Foi graças às ideias protestantes, que o capitalismo se desenvolveu, e também graças às pregações protestantes, que a população criou hábitos que proporcionaram o constante crescimento e aprimoramento deste sistema. A o fato de os seguidores do protestantismo acreditar na salvação através do trabalho, acreditar que a riqueza não é pecado, que trabalhar como o objetivo de crescer e enriquecer são agradáveis aos olhos de Deus, colaborou em muito para que o capitalismo se desenvolvesse. Países historicamente protestantes são hoje países ricos, desenvolvidos e que dominam o mundo.

Já as visões católicas da submissão, que pregava ser pecado ter dinheiro e posses, ser pecado trabalhar visando o lucro, e que impedia até mesmo a livre interpretação da Bíblia, teve consequências que se alastram até a atualidade, e se quando analisamos economicamente, percebemos que os países com maioria seguidora da religião católica, são países pobres com baixo índice de desenvolvimento e uma maioria pobre.

Tão indiscutível quanto a influência que as religiões têm sobre a economia mundial, é também o fato de que as economias influenciam as religiões. Para comprovar isso, basta analisarmos as mudanças que ocorreram nas duas religiões no decorrer dos séculos e desenvolvimento das economias. É incontestável que tanto o catolicismo quanto o protestantismo, não sejam mais os mesmos de quando

ocorreu seu surgimento, e muito disso, é graças ao fato de que os países seguidores desses pensamentos sofreram variações econômicas numerosas.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, C.P.F. de. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1971.

DICKINSIN,R. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: Quatro Artes, 1969.196p.

FALISE,M. **Economia e cristianismo**. São Paulo: Ibrasa Champagnat, 1991.180p.

FANFANI, A. **Catolicismo y protestantismo en la genesis del capitalismo**. Madrid:Rialp, 1953.330p.

FUSFEL,D.R. **A era do capitalismo**. Trad. de F.D. Waltenberg. São Paulo:Saraiva,2001.356p.

GOVERNO DO AÇORES. **Estados Unidos da América**. Disponível em: <<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-drcomunidades/textoImagem/EUA.htm>> Acessado em: 10 maio 2008.

GUISSARD, L., **Catolicismo e progresso social**. São Paulo: Flamboyant, 1962.

MOREIRA, J.M.M. **Ética, economia e politica**. Lello Editores, 1996.

NEGRÃO, L. N. **Nem "jardim encantado", nem "clube dos intelectuais desencantados"**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, vol.20, no.59, Oct. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092005000300002&script=sci_arttext&tIing=en> Acesso em: 15 maio 2008.

O ESTADO DO VATICANO (Documentário) 11o edição ilustrada- Pr. Lauro de Barros Campos.

RAUEN, A. T. **Ciência, tecnologia e economia**: características frente à primeira e segunda revoluções industriais. Revista Espaço Acadêmico. São Paulo, vol.66, Nov. 2006. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/066/66rauen.htm>> Acesso em: 07 maio 2008.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. de Antonio Flavio Pierruci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.